

# Os desafios da figura materna no conto “A caolha”, de Júlia Lopes de Almeida

*The challenges of the maternal figure in the short story "A caolha", by Júlia Lopes de Almeida*

**Deivide Almeida Ávila**

Graduado em Letras pelo Instituto Federal Sudeste de Minas (2017).

E-mail: [almeidavila06@yahoo.com.br](mailto:almeidavila06@yahoo.com.br)

---

**Resumo:** Neste trabalho, busca-se explicar a condição feminina de uma mãe no conto “A caolha”, de Júlia Lopes de Almeida. No conto referido, a autora discute o tema da maternidade e, por derivação, o reconhecimento/a gratidão de um filho. Júlia Lopes de Almeida, escritora que se ocupou das questões sociais, em especial, a mulher, escreve um conto em que relata práticas cotidianas desumanas com pessoas as quais não se enquadram nos modelos estéticos femininos socialmente aceitos. Ademais, a narrativa propicia a discussão do estereótipo da maternidade como condição feminina inata. Assim, nossa reflexão será feita a partir da obra de Elisabeth Badinter – *Um amor conquistado: o mito do amor materno*.

**Palavras-chave:** Condição feminina. Maternidade. Gratidão.

**Abstract:** This paper seeks to explain the female condition of a mother in the short story “A caolha”, by Júlia Lopes de Almeida. In this story, the author discusses the topic of motherhood and, by derivation, the child’s recognition and gratitude. Júlia Lopes de Almeida, a writer who dealt with social issues, especially, the woman, writes a story in which she reports inhuman daily practices with people who do not fit into socially accepted feminine esthetic models. In addition, the narrative encourages the discussion of the stereotype of motherhood as an innate feminine condition. Thus, our reflection will be made from the work of Elisabeth Badinter - *Um amor conquistado: o mito do amor materno*.

**Keywords:** Female condition. Motherhood. Gratitude.

---

## 1 Considerações iniciais

Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934), nascida e falecida na cidade do Rio de Janeiro, além de escritora para periódicos de sua época, escreveu romances, contos, inclusive, infantis, e peças teatrais.

O escritor inglês Laurence Hallewel (1985, p. 221), em pesquisa sobre o livro e sua história no Brasil, ressaltou a produção de Júlia Lopes de Almeida, reconhecendo sua capacidade artística, conferindo-lhe reputação intelectual:

Seus **Contos infantis** (1886) e **Viúva Simões** (1897), foram ambos publicados em Lisboa. A Garnier publicou **Ânsia eterna**, em 1903, **Eles e elas** (1910) e **Correio da roça** (1913) saíram pela Alves, que continuou a reeditar suas obras anteriores até a terceira edição de **Amor cruel**, em 1928, apesar de Leite Ribeiro ter publicado a Isca, de 1922. Na década de trinta, ela foi editada pela Cia. Editora Nacional e **A casa verde** em 1932. (grifos do autor)

Além de escritora, Júlia Lopes participou da formação da Academia Brasileira de Letras, para a qual não foi eleita membro. Segundo Fenske (2014, s.p.), a escritora “está entre os intelectuais que participam do planejamento e da criação da Academia Brasileira de Letras - ABL, da qual seu marido é fundador e ocupante da cadeira número 3 - no entanto, por ser mulher, é impedida de ingressar na instituição”.

Reconhecida como escritora do Realismo brasileiro, Júlia Lopes de Almeida atingiu a virada do século XIX para o século XX, sendo considerada a mais importante escritora do Brasil. A romancista escreve estórias que representam, com objetividade, os fatos reais, que se ocupam do homem e de seus problemas. Há um comprometimento com o momento presente de uma época, como podemos ler no conto “A caolha”, cujo narrador, em terceira pessoa, predominantemente extradiegético, consegue externar a condição feminina de uma mãe como exemplo de amor e dedicação ao filho.

Os escritos de autores do Realismo, via de regra, revelam a importância da crítica numa nova literatura que denuncia a corrupção moral e a hipocrisia política, com espírito combativo em um ambiente social que marginaliza certos grupos de pessoas.

O Realismo propunha trazer à tona personagens – homens ou uma sociedade em sua totalidade – descritos, analisados, criticados, mostrando uma face não revelada, cheia de problemas e limitações.

Segundo Alfredo Bosi (2013, p. 179), “o escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento”.

Como o crítico, podemos dizer que a personagem que nomeia o conto de Almeida coloca-se como uma mulher, uma mãe que define a condição do gênero feminino que é subalternizada numa época com preceitos e conceitos sobre o belo e sua respectiva aceitação na sociedade.

O conto “A caolha”, pertencente ao livro *Ânsia eterna*, publicado no ano de 1903, revisado e modificado pela autora em 1938, constrói-se dentro de um campo da expressão, cujas palavras descrevem fatos e características, desenhando o físico e o psicológico das personagens minuciosamente, impactando o leitor.

A escritura dessa narrativa, além de denunciar a sociedade detentora de discurso cujo preceito é excluir o que é “feio”, delata fatos cotidianos de personagens marginalizadas pela sociedade. Ainda, poderemos nos atentar para a preocupação que o conto tem com um enredo moralista, cuja escritura culmina em um ensinamento: a gratidão.

## 2 A mãe, o filho, o olho

O conto “A caolha” fala-nos de uma mulher que sofre com a exclusão por não ter o olho esquerdo. A mulher tem um filho chamado Antonico que, desde pequeno, sofria *bullying* por causa do “defeito” da mãe, e ele também passou a ter nojo e vergonha dela. Os dois moravam “numa casa pequena, paga pelo filho único, operário numa oficina de alfaiate [...]” (MORICONI, 2009, p. 49).

Quando mais velho, “o filho da caolha” arruma uma namorada que lhe impõe a condição de abandonar a própria mãe para não ser chamada de a “nora da caolha”, e o rapaz lhe concede o pedido. Então, Antonico sai de casa com a desculpa da necessidade de um trabalho, mas a mãe não acredita e o expulsa do lar por perceber que o filho também a rejeita.

Arrependido, no dia seguinte, o rapaz vai atrás de sua madrinha, única amiga de sua mãe, e lhe pede ajuda para remediar a situação. Afilhado e madrinha vão ao encontro da caolha. A madrinha revela o segredo que a mãe nunca contou ao filho. Antonico, quando bem pequeno, involuntariamente, furou o olho da mãe com um garfo e provocou a cegueira do olho esquerdo. Ao ouvir a mãe, o rapaz desmaia e ela, com todo sentimento maternal, não recrimina o filho.

### 3 *A justiça não é caolha...*

A obra começa com a adjetivação da personagem nomeada como “A caolha”, que

era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelo, grossos nos pulsos; mãos grandes, ousadas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados. (MORICONI, 2009, p. 49)

Tais características físicas atribuídas à caolha mostram-nos uma senhora mais envelhecida, acabada pelo tempo, triste por algum motivo, o que pode ser comprovado pela autora, quando diz que

o seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam-lhe extraído o olho esquerdo, a pálpebra descerra mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fístula continuamente porejante. (MORICONI, 2009, p. 49)

Essa adjetivação constrói uma fotografia da deformidade da personagem, colocando-a como excluída do convívio social.

A segregação sofrida pela Caolha mostra uma postura preconceituosa da sociedade, que exclui e afasta pessoas com “problemas físicos”, como no trecho em que diz: “era essa pinta amarela sobre o fundo denegrido da olheira, era essa destilação de pus que a tornava repulsiva aos olhos de toda a gente” (MORICONI, 2009, p. 49).

Esse trecho comprova uma consciência aguda da realidade que se manifesta na obra da autora e expõe uma amarga crítica aos horrores da exclusão. A aparência da personagem é grotesca e, não bastando tal “problema”, é nomeada com seu estigma, sem nome próprio que lhe confie uma identidade digna de um ser humano.

No conto, a mulher não tem nome, é conhecida apenas pela alcunha de caolha; então, sua identidade é construída em função de sua deformidade e sua vida gira em torno da sua maternidade, ou seja, a personagem não é uma pessoa inteira, ela é um corpo com uma função social.

Embora resignada, a mulher é forte e tem uma vida diária a cuidar do filho e dos afazeres domésticos, além da profissão de lavadeira. A pobreza e a exclusão não a afastaram do sentimento amoroso para com o filho. Dedicção e satisfação eram adjetivos condizentes ao amor materno. A mãe exemplifica de cabal a frase “ser mãe é padecer no paraíso<sup>1</sup>”, tanto é assim que, muitas vezes, ela se resignava com as inverdades do filho para não ofendê-lo.

A pobreza descrita pela autora nos permite observar a situação humilde em que vivem mãe e filho, além da situação de omissão sofrida pela Caolha, a ver:

morava numa casa pequena [...]. O filho, enquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ela, às vezes até no mesmo prato; a proporção que ia crescendo, ia-se-lhe a pouco e pouco manifestando na fisionomia a repugnância por essa comida; até que um dia, tendo já um ordenadozinho, declarou à mãe que, por conveniência do negócio, passava a comer fora... (MORICONI, 2009, p. 49)

Já no início da narrativa, observemos o tratamento que o filho dispensava à mãe, Antonico recusa a comida preparada em casa. Ele prefere isolar a progenitora, excluindo-a de um convívio doméstico, como o jantar, que se torna um momento de encontro familiar. Mas, para a caolha, segundo Moriconi (2009, p. 50), “daquele filho vinha-lhe todo bem e todo o mal”.

Caolha, como mãe, mesmo desprezada pelo filho, se satisfazia com um beijo dele, diariamente. Beijo esse, “melhor que um dia de sol”, que afastava a tristeza sentida pela exclusão. Porém, os beijos que a salvavam das mazelas foram se rareando com o tempo. Antonico beijava-lhe todo o rosto, ainda criança; ao crescer, passou a beijar-lhe somente o lado direito e, já maior, beijava-lhe somente a mão. Essa espécie de gradação nas demonstrações de afeto filial revela-o um escravo da sociedade, cuja opinião exerceu influência sobre o menino, que, desde pequeno, em ambiente escolar, já sofria o *bullying* ao ser nomeado como “o filho da caolha” (MORICONI, 2009, p. 50).

Crianças, adultos da vizinhança ou aqueles que cruzavam seu itinerário para casa, assim também o chamavam e, envergonhado, mais uma vez, rejeita a mãe, pedindo-lhe “que o não fosse buscar à escola” (p. 50), e, como mãe que queria o bem do filho, atende-lhe o pedido e nunca mais foi a seu encontro. Aqui, podemos notar a submissão da mãe à vontade do filho, porque Caolha nunca mais o buscara na escola e se esquivava de sair com o filho, restringindo, assim, a própria liberdade em favor da tranquilidade/liberdade do filho.

O filho também sofre violência psicológica com os dizeres alheios e repetitivos, que o tiraram do contexto escolar, traumatizando-o e influenciando sua personalidade. Sentindo-se intimidado pelos maus tratos das pessoas, aos onze anos, Antonico

<sup>1</sup> Trata-se de um verso do poema “Ser mãe”, de Coelho Neto. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/maranhao/coelho\\_neto.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/maranhao/coelho_neto.html)>.

abandonou a escola e pôs-se a trabalhar numa oficina de marceneiro, onde, também, recebeu codinome pela situação de sua mãe.

Não aguentando o serviço na marcenaria, o rapazinho se arranjou como caixeiro de venda, mas os insultos dos colegas no trabalho lhe renderam mais um desemprego. Vítima do preconceito social, o menino “passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às moscas, sempre zangado e sempre bocejante!” (MORICONI, 2009, p. 51).

Aos dezesseis anos, Antonico começa a trabalhar numa alfaiataria com súplicas da mãe ao patrão para que o filho não fosse humilhado. Daí, decorrem-se alguns anos e Antonico encontra-se sossegado e enamorado de uma moreninha, pela qual se viu loucamente apaixonado. Tamanha felicidade lhe rendeu dias de paz interior, externada constantemente pela mãe, que passou a ser agraciada, novamente, com os beijos do filho, mesmo na face esquerda, a face que guarda o terror de sua vida.

O regozijo da mulher a fez cantar às tardes e, na mesma noite em que recebera o gracioso beijo, já não recebido há tempos, fê-la dizer consigo mesma: “-Sou muito feliz... o meu filho é um anjo!” (MORICONI, 2009, p. 51). Mas tanta felicidade termina quando a escolhida de Antonico lhe impõe, como condição para o casamento, o abandono da mãe.

Nesse período de perturbação ocasionado pelo sofrimento, Antonico se encontrou fraco mais uma vez por conta do pedido da namorada. E, devido à agressão social pela qual passara, sem reação para se proteger, o moço, além de alvo, passa a agressor, pois abandona a mãe e sai de casa para agradar a amada. O seu rancor voltou-se para sua mãe e, mais uma vez, ele culpabiliza aquela que é tão ou mais vítima do preconceito social.

Depois de aguentar tanta humilhação do próprio filho, a mãe se revolta contra a frieza do rapaz e se coloca autoritária:

a caolha levantou-se e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém:

- Embusteiro! o que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! que eu também já sinto vergonha de ser sua mãe! (MORICONI, 2009, p. 53)

Nessa passagem do conto, as mãos ossudas e magras, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho, agora se ergueram fortes e decisivas, apontando, ao filho, a porta da rua. Assim, Caolha, sem meias palavras, pela sua resignação, com uma atitude enérgica de mãe participativa e educadora, faz jus a sua função materna.

No dia seguinte, o filho, consternado por tamanha desfeita, sente-se arrependido e pede ajuda à madrinha e única amiga de Caolha para que intercedesse. Então, eles combinaram e

encontraram a caolha a tirar umas nódoas do fraque do filho – queria mandar-lhe a roupa limpinha. A infeliz arrependera-se das palavras que dissera e tinha passado toda a noite à janela, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vazio e já se queixava de si! Quando a amiga e o filho entraram, ela ficou imóvel: a surpresa e a alegria amarram-lhe toda a ação. (MORICONI, 2009, p. 53)

O afeto inabalável da Caolha é um paradigma do amor materno, tão exaltado. A respeito dessa espécie de amor, a filósofa Elisabeth Badinter, em seu livro *Um amor conquistado – o mito do amor materno*, contraria a crença generalizada de que ele seja inato e inalienável da natureza feminina. Para a autora, esse amor é uma construção social e varia de acordo com condições sócio-históricas.

Segundo Badinter (1985, p. 143),

desde o século XVIII, vemos desenhar-se uma nova imagem de mãe, cujos traços não cessarão de se acentuar durante os dois séculos seguinte. A era das provas de amor começou. [...] A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, junto dela.

Então, de acordo com Badinter, a Caolha, num instinto materno, prova o amor que sente pelo filho, se esquecendo de toda amargura vivenciada com ele e por ele – o responsável pelo aspecto monstruoso que carrega. E mesmo chagada, tenta impedir que a madrinha lhe conte a real história sobre sua aparência grotesca, em mais um intento de proteger o filho. A madrinha, condenando a pieguice da comadre, diz ao afilhado:

- Ah, não tiveste culpa! Eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu enterraste-lho pelo olho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito de dor que ela deu! (MORICONI, 2009, p. 54)

Toda a culpa e a tristeza caem sobre a desgraçada mãe. Desgraça tão amarga que ela ocultara do filho a culpa, porque, enquanto progenitora, sabe o tamanho do sofrimento que é ser culpado por algo que não tem resposta. Assim, deduzimos que a personagem Caolha corresponde a um ideal materno. Esse ideal bem traduzido no verso transcrito de Coelho Neto, poeta e contemporâneo da autora, corresponde à função social da mulher do início do século XX. A mulher deveria realizar-se na maternidade e, assim, garantir a perpetuação da família.

Em contrapartida, a mesma sociedade que exige sacrifícios extremados da mãe também demanda a gratidão dos filhos. Esse sentimento está ausente em Antonico que atribui à sua mãe a razão de todas as injúrias sofridas e até mesmo sua debilidade de caráter. O rapaz exemplifica de cabal a frase “ter um filho ingrato é mais doloroso do que a mordida de uma serpente!”, justificando as atitudes de um filho mal agradecido que troca valores afetivos pela ingratidão, por não reconhecimento do zelo e do esforço da mãe em sua formação.

#### *4 Considerações finais*

No conto “A Caolha”, Júlia Lopes de Almeida enfatiza questões sociais e morais presentes ainda hoje. Esse conto reforça o sentimento materno, mostrando, ao leitor, os sacrifícios de uma mãe como um fator necessário ao bem-estar de um filho. A Caolha, mesmo rechaçada por Antonico, nunca o abandonara e se coloca como culpada pelo

acidente sofrido. É a personificação de um sentimento materno que sabe perdoar e que tudo suporta.

A triste história de mãe zelosa, amorosa, excluída pelo filho, faz o leitor ponderar sobre os reais aspectos do desafio da maternidade. Embora a escrita desse conto expresse uma visão conciliadora, moderada, da questão da maternidade, se, por um lado, temos a denúncia do preconceito de que a Caolha e o Antonico são vítimas, por outro, temos a descrição de uma mulher que carrega heroicamente seu fardo. Se há um questionamento da função social da maternidade, também há a glorificação do sacrifício extremado da mãe.

### *Referências*

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). Júlia Lopes de Almeida - a escritora a belle époque tropical. *Templo Cultural Delfos*, maio/2014. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2014/05/julia-lobes-de-almeida.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: EDUSP, 1985.

MORICONI, Ítalo (org.). A caolha. In: *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.